

Álvarez Gonzáles, Albert; Navarro, Ía (eds.) (2017). *Verb valency changes. Theoretical and typological perspectives* (Typological Studies in Language 120). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Pp. xv + 310. ISBN 978- 90-272-0701-2 (HB).

Resenhado por Angel Corbera Mori

Universidade Estadual de Campinas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1712-6550>

Jackeline do Carmo Ferreira

PG. Universidade Estadual de Campinas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6332-7535>

Esta publicação é composta de onze artigos e é dividida em duas seções. Na primeira delas, há três artigos nos quais são apresentadas brevemente as perspectivas teóricas que tratam sobre as operações de valência verbal nas línguas. Na segunda parte do volume, em outros cinco artigos, é abordado sobre o mesmo fenômeno linguístico em línguas originárias faladas no México, bem como na língua Mocoví, língua originária falada na Argentina. A valência verbal é ainda analisada no Árabe e no Circassiano ou Adigue.

Os artigos elencados no volume foram inicialmente apresentados durante o “*Workshop on verb valency change*” realizado nos dias 21 e 22 de março de 2013, na Universidade de Sonora, Hermosillo, México. Os editores, professores da Universidade de Sonora, Albert Álvarez Gonzáles e Ía Navarro (ix-xv) ressaltam os objetivos da publicação e a importância dos diferentes aportes teóricos no estudo dos aspectos morfossintático, léxico-sintático, semântico e discursivo/pragmático que contribuem para a alteração da valência verbal nas diversas línguas faladas no mundo. Paralelamente, como guia para os leitores, os organizadores do volume apresentam um breve resumo do conteúdo de cada contribuição que, sem dúvida, é uma ajuda importante para os interessados na leitura de determinado artigo em específico.

Em “*Markedness effects in applicative formation*” (1-29), Andrej Malchukov traz à discussão o sincretismo de voz que caracteriza os morfemas aplicativos. Este sincretismo ocorre quando um mesmo marcador de valência responde a diferentes funções, geralmente condicionadas por fatores semântico-sintáticos da base verbal à qual ele é adjungido, dependendo se o verbo é intransitivo, transitivo ou ditransitivo. O autor ainda considera

três casos de sincretismo polissêmico dos morfemas aplicativos, a saber: i) morfemas aplicativo-causativo; ii) aplicativo-antipassivo; iii) aplicativos que ocorrem em outras funções, alguns deles restritos às funções de benefativo, instrumental, alvo, entre outros.

Um dos padrões muito recorrentes nas línguas é o uso de um mesmo morfema transitivizador para assinalar o causativo e o aplicativo. A função deste morfema, portanto, é indicar o aumento de valência, mas, simultaneamente, introduzir um novo argumento CAUSER-A ou um novo objeto (aplicado). Para Malchukov, esse padrão tem relação com a sensibilidade do verbo, pois construções causativas ocorrem preferencialmente com verbos intransitivos (inativos), já o aplicativo pode se manifestar tanto com verbos intransitivos ativos, quanto com verbos transitivos. O Mapudungun, falado nas regiões do Chile e da Argentina, é um típico exemplo de língua que apresenta morfemas polissêmicos (Golluscio 2010). Partindo de Polinsky (2013), Malchukov avalia que há uma certa correlação entre causativo e verbos intransitivos inativos, enquanto os significados aplicativos mostram preferências para os verbos intransitivos ativos ou transitivos. Ao que parece, a polissemia dos morfemas é mais ampla do que se pensava, talvez, como afirma o autor, devido ao uso de terminologias diferentes nas descrições (p. 10). Em Yupik do Alasca Central, por exemplo, uma variedade das línguas esquimó, o que seria polissemia é tratada na categoria ‘adversativa’ marcada pelo sufixo *-i*. Nessa língua, quando o adversativo ocorre com verbos intransitivos, o participante afetado de forma negativa, passa funcionar como A (cf. exemplo 19, p. 10). Ao contrário, se o adversativo se deriva a partir de verbos transitivos, o participante afetado se manifesta como o argumento O (cf. exemplo 20, p. 10). Nesse sentido, o marcador de adversativo em Yupik, “has the function of the ‘adversative causative’ (or adversative passive) when derived from intransitive, but of ‘adversative (malefactive) applicative’ when derived from transitives” (Malchukov, p. 11).

Outro tema abordado por Malchukov diz respeito à ambivalência de voz que ocorre em línguas que operam com um mesmo marcador para duas funções, aparentemente, opostas. Trata-se da função aplicativa, que por regra soma um argumento objeto, e da função antipassiva, que remove o paciente (objeto). Essa controvérsia se resolve ao se considerar a função dos aplicativos como operações de rearranjos de valência. Um exemplo disso é quando os aplicativos ocorrem com verbos transitivos, pois nesse caso, há a promoção de um argumento periférico, o que resulta na demissão do paciente (o objeto inicial). Esta operação tem-se registrado, sobretudo, em línguas que operam com restrições no número de ocorrência de argumentos nucleares, como no Halkomelem (Gerds 2010). O Halkomelem é uma língua salish do Sudoeste da Colúmbia Britânica (Canadá) que recorre ao marcador aplicativo para introduzir um objeto (absolutivo) principal, mas isso é feito com o deslocamento do objeto original para a posição de oblíquo (cf. ex. 27, p. 13-14). Este é um caso típico de línguas em que os morfemas aplicativos se relacionam com a categoria voz, redirecionando a escolha de *p*, ou a atribuição de objeto, mas não com a função de marcadores que adicionem um argumento *p*. Valendo-se de estudos de outras línguas, tais como Esquimó, Chukchi e Sliammon (língua salish), Malchukov mostra que, na prática, o aplicativo funciona como um arranjador de objeto, quando opera com verbos transitivos em línguas que restringem a duplicação de objetos principais. Isto ocorre em línguas que limitam o número de argumentos nucleares que acompanham um determinado verbo. Além disso, algumas dessas línguas estendem o uso de aplicativos para regularizar

as antipassivas recorrendo a regra aplicativa que demove o para a posição de oblíquo, ao passo que um oblíquo é elevado à posição de o (p. 16-17).

É evidente que os aplicativos englobam uma variedade de funções, alguns deles são especificamente usados como benefativo, malefativo, instrumental e alvo. Segundo Peterson (2007), além de aplicativos mais especializados, há línguas que dispõem de um ‘aplicativo geral’, cuja interpretação depende da classe semântica do verbo. Em Oluteco (Mixe-Zoque), por exemplo, o objeto aplicado pode ser interpretado como beneficiário, experienciador, alvo, e, dependendo da classe do verbo, como tema na função de recipiente com verbos ditransitivos (ex. ‘*sell*’), como beneficiário com verbos de criação (ex. ‘*build*’), como malefativo-experienciador com verbos de desapropriação (ex. ‘*steal*’). Também em Yaqui, uma língua Uto-Asteca, o morfema aplicativo *-ria* pode ter a função de malefativo ou de experienciador (cf. exs. 32 e 33, p. 18).

Já no Indonésio (Malaio-Polinésia), um sufixo aplicativo como *-kan* quando anexado aos verbos monotransitivos (verbos de um único objeto) atua como um promotor de um beneficiário. Porém, esse mesmo morfema quando adjungido a verbos ditransitivos (verbos com dois objetos, direto e indireto) tem uma função diferente, já que o aplicativo passa, então, a promover um argumento temático e, ao mesmo tempo, demove o recipiente/beneficiário para a posição de oblíquo (cf. ex. 35, p.18). Em Groenlandês (Esquimó-Aleutas), por outro lado, o aplicativo em construções com verbos ditransitivos canônicos demove um dativo ou, ainda, promove um tema instrumental para a posição de objeto principal, ao passo que demove um recipiente/beneficiário para a posição de oblíquo. Assim, é possível verificar, com base nos dados das línguas apresentados, que o aplicativo executa funções opostas, ou seja, com verbos monotransitivos, o morfema citado promove um recipiente, mas com verbos ditransitivos, este demove um argumento temático. Malchukov denomina este tipo de comportamento do aplicativo como função de ‘*padrão de marcação reversa*’. Nesse sentido, a ‘marcação reversa’ seria a função do aplicativo para promover o objeto mais periférico para o status de objeto principal, mas com a ressalva que:

its effect is different depending on the ditransitive alignment. In the indirective construction (T=P vs. R) with a theme as a primary object an applicative would promote an indirect object (“dative shift”). But in the secundative construction (T vs. P=R) with a recipient as a primary object, the same applicative can be used to promote a secondary object T (“antidative shift”) (p. 20).

Na procura de uma explicação para o comportamento ambivalente dos aplicativos, Malchukov questiona o que estaria por trás da ambivalência desses morfemas e se ela é previsível. De fato, em alguns casos, essa explicação se encontra no significado, porque a dualidade causativo-aplicativo, por exemplo, teria relação com o processo geral de transitivização. Essa explicação, entretanto, é insuficiente, segundo o próprio autor. Os causativos, preferencialmente, se combinam com bases verbais intransitivas inativas (estativas), enquanto os aplicativos preferem relacionar-se com bases transitivas ou com intransitivas ativas. Para essa análise, é preciso lançar mão da abordagem do padrão de marcação (*markedness*), considerando o fato que a combinação de causativos com bases intransitivas inativas são estruturas menos marcadas, ao passo que a combinação com bases intransitivas ativas (inergativas), ou, mesmo transitivas, são mais marcadas. Já para os aplicativos, a relação de marcação é o inverso, fato que faz o autor recorrer à hierarquia

de restrições postulada na Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky 2004), haja vista que a metodologia da teoria citada é considerada “adequada para capturar as relações de marcação local mediante o mecanismo de conjunção de restrição, de acordo com Aissen (2003)” (p. 22).

Em termos gerais, Malchukov procura, em seu artigo, unificar a abordagem das estruturas causativas e das aplicativas, considerando, dentro da teoria da otimidade, o padrão de marcação na formação dos aplicativos, contribuindo, dessa forma, para um melhor entendimento dos padrões de restrições translinguísticas.

M. Teresa Espinal, em “*Morphosyntactic defectiveness in complex predicate formation*” (31-49), trata da mudança de valência verbal na formação de predicados complexos que ocorrem nos processos de incorporação nominal. Para essa autora, os nomes e clíticos incorporados tanto em Uto-Asteca como em línguas romances, como no Espanhol, Catalão, se caracterizam por serem morfossintaticamente defectivos. Esta deficiência não tem relação com a propriedade semântica dos elementos nominais, contrariamente à análise assumida por Borthen (2003) sobre os nominais nus em norueguês. Para Borthen, os nominais nus no norueguês não têm relação com a derivação sintática, eles estariam condicionados por fatores de tipo nocional ou semântico.

Inicialmente, poderia se assumir que a alternância verbal que ocorre na variação dos argumentos depende das restrições lexicais, contudo, a autora mostra que na língua Yaqui (Uto-Asteca), a mudança de valência se dá pela supressão de argumentos. Em Yaqui, a incorporação nominal ocorre por movimento sintático, o que é analisado como caso de supressão argumental. Assim, nessa língua, um argumento interno de verbo transitivo, marcado pelo sufixo *-ta* ‘ACUS’, ao ser incorporado, perde o morfema de caso acusativo e o verbo transitivo se intransitiviza recorrendo ao morfema de intransitividade *-te*, como se vê em (1a) vs. (1b):

- (1) a. *aapo maasa-ta peu-ta-k*
 3SG deer-ACC butcher-TR-PFV
 ‘he butchered a deer’
- b. *aapo massa-peu-te-n*
 3SG deer-butcher-INTR-PFV
 ‘he was deer-butchering’ (Espinal, p. 32)

Um caso semelhante de supressão argumental ocorre em construções do Espanhol com nominais nus. Trata-se de nominais nus aqueles que ocorrem sem o determinante, tais como nas seguintes construções: *necesitar un notário* vs. *necesitar notário* (p. 32), *tener calefacción, llevar reloj de cuarzo* (p. 41).

Como se observa em (1b), não ocorre o morfema de caso acusativo quando o nome é incorporado ao verbo, na língua Yaqui, por isso o morfema é considerado morfossintaticamente defectivo. Pela mesma razão, as construções do Espanhol que o nominal ocorre sem as projeções do determinante ou com marcador de número plural são vistos como argumentos não canônicos, pois não teriam a função de argumentos do verbo.

Em suma, para a autora, a construção [V N] constitui um predicado complexo que denota a propriedade do argumento externo em contextos específicos de uso: a incorporação nominal é morfossintaticamente defectiva, entretanto, o verbo incorporante é defectivo

morfossintática e semanticamente. O verbo incorporante é analisado como defeetivo morfossintaticamente, porque somente seleciona objetos em estruturas inergativas, e é defeetivo no plano semântico por se restringir a predicados de possessão com o verbo TER ou, nos termos da autora, se restringir a construções de “*HAVE-predicates*” (p. 43).

Outro defeito morfossintático abordado por Teresa Espinal é a formação de predicados complexos com a incorporação do clítico *le* na variedade do Espanhol falado em México. Nesse caso, trata-se de construções como: *correr-le*, *mover-le*, *limpiar-le*, igualmente construções do tipo *¿Le cierras? Por favor; Le apretó y descompuso la computadora*. O uso do clítico *le*, nessas construções, seria uma variante defeitiva do clítico dativo singular de terceira pessoa (*le*.3SG.DAT), ele não é especificado para CASO, PESSOA, NÚMERO ou GÊNERO. Nesse sentido, essas formas de construções corresponderiam ao núcleo sintático de uma “defective High Applicative (HAappl) functional projection” (p. 44). Ao ser clítico defeetivo, *le* não tem interpretação referencial, nem o status de argumento.

Em suma, a formação do predicado *-le* na variedade do Espanhol mexicano, da mesma forma que a estrutura dos predicados complexos com nominais nus em outras línguas romances, Português, Catalão e Romeno, ocorre porque essas expressões de tipo nominal são morfossintaticamente defeituosas. Além disso, esses nominais semanticamente funcionam como modificadores de um predicado, e não como argumentos canônicos sintáticos ou semânticos (p. 45). O texto de Teresa Espinal é uma contribuição importante tanto para a comparação tipológica quanto para o nosso entendimento sobre os tipos de incorporação presentes nas línguas, ampliando os aportes pioneiros sobre incorporação discutidos nos trabalhos de Mithun (1984, 1986).

O terceiro artigo da primeira parte do volume, “*Two types of locative alternation*” (52-77), é da autoria de Jaume Mateu. Nesse artigo, o foco é o tratamento da alternância locativa, tomando como base os aportes teóricos de Talmy (1991), para quem as línguas podem ser distintas tipologicamente em línguas de marco verbal e línguas de marco satélite. Esta distinção é relevante para o tratamento dos tipos de alternância locativa. Mateu correlaciona a proposta de Talmy em termos formais com os processos de incorporação e fusão discutidos por Haugen (2007). Consoante com Haugen, há duas formas de se formar verbos denominais, a saber, por incorporação e por fusão (conflação para Hale e Kayser 2002). A formação de verbos denominais por incorporação se dá por movimento de núcleo para núcleo (movimento por cópia sintática), já o segundo tipo de formação é mediante o processo de fusão (composição).

De acordo com Talmy (1991), nas línguas de marco satélite, a trajetória se codifica no domínio do elemento satélite, este representado por afixos ou por partículas, como acontece nas línguas germânicas Inglês e Alemão. Em Inglês, por exemplo, a construção *The bottle floated out* a partícula *out* expressa a trajetória, enquanto o verbo *floated* assinala o evento que indica o modo de realização do evento. Ao contrário, em línguas de marco verbal, como é o caso do Catalão e Espanhol, a trajetória se codifica na base verbal, e o movimento é indicado por um adjunto adverbial. Assim, na construção em Espanhol *la botella salió flotando*, o verbo *salió* expressa a trajetória do evento e o gerúndio *flotando* assinala a maneira/modo do evento.

A tipologia de Talmy aplica-se à análise da alternância locativa emoldada na distinção sintática de incorporação e fusão. Para Mateu, o verbo na variação da alternância locativa (marco Figura/Tema-objeto e marco Fundo/Locação-objeto) adquirem seu conteúdo

fonológico via incorporação, como em construções do Catalão: *En Ramon carrega els rocs al carro* ‘Ramon carrega as pedras no carro’, *En Ramon carrega el carro de rocs* ‘Ramon carrega o carro de pedras’. Em ambos os casos, a raiz verbal $\sqrt{\text{CARREGA}}$ se deriva a partir de uma posição embutida mais internamente, ela não se adjunge diretamente ao verbo (p. 60). Na derivação via fusão ou conflagração, como em construções do Alemão: *John goss Wasser* ^{THEME} über die Blumen ^{LOCATION} ‘John poured water over the flowers’; *John [begoss / übergoss] die Blumen* ^{LOCATION} mit Wasser ^{THEME} ‘John BE- poured/over-poured the flowers with water’ a raiz ‘Maneira-derramou’ $\sqrt{\text{GOSS}}$ se anexaria diretamente ao verbo (p. 52).

Como mostra o estudo de Mateu, em línguas nas quais a Trajetória-Resultado não é morfologicamente independente da raiz verbal não há a fusão entre a Raiz-Maneira com o verbo, pois a codificação da trajetória já está embutida no verbo mesmo. Esse fato é uma característica das línguas de marco verbais, como no caso das línguas românicas Espanhol e Catalão. Nessas línguas, e em outras de marco verbal, somente a incorporação de uma Raiz-Resultado no verbo é possível. Já nas línguas de marco satélite, a codificação da trajetória está codificada na partícula ou nos afixos. Pela análise de Mateu, fica evidente que a alternância locativa é um comportamento mais comum em línguas de marco satélite do que em línguas de marco verbal.

Este artigo é um aporte proveitoso, uma vez que contribui para o conhecimento da tipologia envolvida na alternância dos locativos em termos de distinção formal entre os processos de incorporação e de fusão ou conflagração. O núcleo de um verbo nulo obtém seu conteúdo fonológico através de duas vias, são elas: (i) por incorporação, ou seja, a origem da raiz se dá a partir de uma posição de complemento mais interno, que logo é copiado na matriz vazia do núcleo verbal; (ii) por fusão ou conflagração, isto é, a raiz se adjunge diretamente ao verbo nulo (cf. a derivação formal do verbo denominal *smile* nos exemplos (6) e (7), página 55).

A diferença tipológica proposta por Talmy (1991) entre línguas de marco satélite e línguas de marco verbal foi a base fundamental para que Mateu mostrasse a validade dessa distinção. Assim, nas línguas de marco verbal, o núcleo Trajetória-Resultado carece de status morfofonológico independente da raiz verbal e, por isso, esse tipo de língua não apresenta alternância locativa que envolva a fusão de uma Raiz-Maneira com o verbo nulo. Logo, se espera que apenas variantes de alternância locativa por incorporação de Resultados sejam encontradas nessas línguas.

A segunda parte do volume contém artigos que tratam de alternância de valência em línguas faladas no México (Nahuatl, Yaqui, Tepehua Tlachichilco, Seri), bem como no Mocoví, língua indígena falada na região do Chaco argentino, no Árabe e no Circassiano ocidental, do norte do Cáucaso.

No primeiro artigo dessa seção, “*Transitivity and valency-changing operations in Huasteca Nahuatl*” (81-105), os autores Peregrina Llanes, Álvarez Gonzáles e Estrada Fernández exploram as operações de alternância de valência no Nahuatl Huasteco (Uto-Asteca), uma língua originária falada nos estados mexicanos de Puebla, Veracruz, Hidalgo, Guerrero e San Luis Potosí. A base da análise está constituída por um corpus de 25 histórias, coletados pelo antropólogo Alan Sandstrom na década de 1990. Esse material foi organizado por Manuel Peregrina, um dos coautores do presente artigo.

O texto aborda sistematicamente os marcadores que operam tanto no aumento como no decréscimo de valência verbal. Como consequência desses processos, ocorrem construções derivadas que apresentam alternâncias de argumentos que o verbo subcategoriza. Em casos de acréscimo de valência, são abordadas as construções causativas e aplicativas, já para o tratamento da diminuição de valência, foram incluídas as construções reflexivas, recíprocas e a voz média, além daquelas relacionadas às passivas, às antipassivas e à incorporação nominal.

O Nahuatl Huasteco apresenta o sincretismo de um mesmo morfema, o prefixo *mo-* que denota os significados de reflexivo, recíproco, voz média e passiva. O desenvolvimento multifuncional desse morfema seria resultado de dois processos de gramaticalização: i) inicialmente da função reflexiva para recíproca; e ii) depois, da função reflexiva para a voz média e então para impessoal/passiva (p. 102). Aliás, o artigo de Malchukov, incluído nesse volume (pp. 3-29), é uma introdução muito pertinente sobre o tema sincretismo, característica que ocorre em várias línguas do mundo.

Outro aspecto relevante sobre o Nahuatl Huasteco refere-se a determinados marcadores, cuja função é apenas semântica, os quais não modificam a valência do verbo. Estes marcadores operam como modificadores de transitividade, ou seja, funcionalmente afetam a relação dos participantes/argumentos, porém não alteram o número dos argumentos do verbo. Para elucidar o comportamento desses marcadores, os autores se baseiam no conceito de valência apresentado por Payne (1997), pois de acordo com ele:

a valência pode ser definida em termos semânticos, sintáticos ou pela combinação de ambos. A visão semântica da valência envolve o número de participantes requerido pelo evento verbal; a valência sintática relaciona-se com o número de argumentos que ocorrem numa construção sintática. (Payne 1997: 169-170)

Em Nahuatl Huasteco, a causativização, como demonstram os autores, é um processo de acréscimo de valência. Este processo envolve os verbos intransitivos, cuja função é dada por um morfema causativo, que foneticamente se realiza como *-ti*, *liti*, e *-tia*. Nessa categoria, é descrita também o sufixo aplicativo *-lia* e suas variantes *li* e *-l*; nesse caso, o incremento de valência atinge os verbos transitivos e também alguns verbos intransitivos. Esta função com o morfema aplicativo faz que um argumento oblíquo passe ocupar a posição de argumento interno, ou seja, objeto do verbo. O novo argumento aplicado sempre é um participante com o papel semântico de recipiente, este pode ser um beneficiário ou um malefício. Nesse caso, o sufixo aplicativo indexado à raiz verbal faz referência ao novo objeto promovido.

No que tange aos mecanismos de redução de valência, são abordadas as construções de reflexivo, recíproco e voz média e, neste processo, está envolvido o morfema *mo-* que ocorre prefixado imediatamente à raiz verbal. Este mesmo prefixo em construções com verbo transitivo agentivo, como redutor de valência associado à voz média, pode também permitir uma leitura de passiva impessoal. Outra função do prefixo *mo-* é sua ocorrência em construções de voz média que não mostram redução de valência. A função do prefixo, nesse caso, seria estritamente semântica e não sintática, pois ele seria usado para ressaltar a afetação do agente.

Nos processos de redução de valência verbal, são abordados também as construções passivas e as antipassivas. Tanto a passivização quanto a antipassivização convertem construções transitivas em intransitivas, demovendo o agente das construções passivas e o paciente nas antipassivas.

Outro tópico abordado no artigo é a incorporação nominal e, nesse ponto, várias operações morfológicas que criam uma nova base verbal mediante a combinação de um verbo com um nome são tratadas. Para os autores, as narrativas analisadas envolvem diferentes tipos de incorporação nominal, dependendo do nominal incorporado à base verbal. Ao que tudo indica, a incorporação nominal na língua Nahuatl Huasteco não seria um processo de redução de valência, mas apenas um mecanismo de rearranjo de valência.

O artigo de Peregrina Llanes, Álvarez González e Zarina Estrada é uma valiosa contribuição aos estudos sobre a língua Nahuatl Huasteco, assim como para os estudos de alternância da transitividade, que nem sempre alteram a valência da base do verbo.

No texto seguinte de Ía Navarro, coeditora do volume, “*The semantics of Nahuatl tla- constructions*” (107-132) é apresentado um estudo sistemático sobre a semântica das construções com o morfema *tla-* do Nahuatl, língua da família linguística Uto-Asteca falada no México Central.

Esta língua diferencia objetos definidos de objeto não definidos. Navarro assume que o status formal do *tla-* é um pronome defectivo indicador de objeto não especificado. Ele se manifesta sintaticamente na posição de argumento, mas semanticamente não especifica um participante. Sua função é somente para formar um paradigma de construção de predicado *tla-*, predicado que se relaciona com a denotação de objeto/evento não especificado (p. 128).

As construções com *tla-* diferem daquelas que ocorrem com o prefixo *k-* marcador de objeto definido, indica a ocorrência de um objeto referencial como argumento interno do verbo e um participante da predicação (p. 108). O comportamento tanto sintático quanto semântico do prefixo *tla-* relaciona-se com as propriedades lexicais das bases verbais. Para a autora, esta proposta supera abordagens anteriores sobre a função dele, pois, por exemplo, em um estudo anterior, de Flores Nájera (2009), foi proposto analisá-lo como marcador de antipassivo. Navarro rejeita, igualmente, o tratamento tradicional do prefixo como marcador de objeto indefinido, relacionado a uma entidade [-humano]. Para Navarro, a interpretação de *tla-* como marcador antipassivo ou como marcador de objeto indefinido, relaciona-se ao fato que essas propostas se nortearam exclusivamente a partir de bases verbais transitivas. Porém, Tuggy (2010) foi uma exceção nesse aspecto ao considerar para seu estudo construções com *tla-* a partir de bases verbais intransitivas. No entanto, para a autora, Tuggy não explicou a razão pela qual o prefixo pronominal não especificado podia coocorrer com predicados intransitivos (p. 113).

Em termos gerais, o trabalho de Navarro, em torno do comportamento formal do prefixo *tla-* e sua a interação com diferentes bases verbais, supera as abordagens anteriores. Com base nas conclusões da autora, assume-se que a interpretação formal de *tla-* não é referencial nem correferencial, sua interpretação mais factível, então, é como prefixo de objeto pronominal defectivo (p. 113). Essa interpretação surge considerando a ocorrência de *tla-* junto às bases verbais transitivas, inergativas e inacusativas.

Albert Álvarez González, em “*Valency-changing operations in Yaqui resultatives*” (133-164), analisa o envolvimento da valência nas construções resultantes em Yaqui, uma

língua da família linguística Uto-Asteca, do ramo Taracahitan, falada na região noroeste de México, Estado de Sonora, e nos Estados Unidos, na fronteira do estado de Arizona.

O autor aborda as construções resultantes S, A, e a resultante S bivalente, que são identificadas pelo sufixo $-(l)a$, e as construções que ocorrem com o sufixo $-(r)i$ correspondem à marcação das resultantes P e R. Além das resultantes S, A e P, que são muito comuns em línguas do mundo, o Yaqui apresenta outros dois tipos sintáticos: resultantes R e resultantes S-bivalentes (p. 134).

Uma característica principal das resultantes marcadas com o sufixo $-(l)a$ é que elas não alteram a valência, enquanto as que ocorrem com o sufixo $-(r)i$ implicam no decréscimo da valência, pois a construção resultante elimina o sujeito/agente da construção que contém o verbo base.¹

Com base na valência de uma determinada construção, Álvarez González reconhece as construções resultantes monovalentes (resultantes S e P), resultantes bivalentes (A, R e resultantes S bivalentes) (p. 141). A duas resultantes S são marcadas por $-(l)a$, este sufixo se adiciona a uma base verbal intransitiva, dando origem a uma construção resultante S. As construções resultantes P, ocorrem marcadas pelo sufixo $-ri$ ou pelo alomorfe $-i$. Este tipo de construções denota resultados de estado como consequência de um evento causativo agentivo, que fica implícito na construção resultante. Nesse caso, tem-se uma construção com decréscimo da valência, pois o sujeito do P resultante corresponde à demissão do objeto (paciente) inicial da construção de base. Depois, o sujeito(agente) inicial da construção de base transitiva é apagado na construção P resultante, caracterizando, dessa forma, uma construção intransitiva, como se mostra no exemplo extraído do texto de Álvarez González (p. 142).

	A	O/P	V
(2) a.	<i>Maria-Ø</i>	<i>supem</i>	<i>ji'ika-k</i>
	Mary-NOM	shirt	sew-PFV
	'Mary sewed the shirt'		
	S		V
b.	<i>Ume</i>	<i>supem-Ø</i>	<i>ji'ik-ri</i>
	DET.PL	shirt-NOM	sew-RES
	'The shirt is sewn'		

Uma possível interface entre a resultante P e as construções passivas na língua Yaqui evidencia que, mesmo partilhando algumas propriedades comuns, elas se diferenciam semântica e morfossintaticamente. Assim, nessa língua, a construção resultante-P é um processo derivacional, pois os marcadores resultantes funcionam como indicadores de derivação lexical. Este processo muda a categoria lexical da base verbal para uma categoria não verbal (nominal e adjetival), enquanto o marcador de construções passivas é flexional, relacionam-se com a sintaxe da língua Yaqui.

¹ Resultativo-S é o resultativo orientado ao sujeito; resultativo-P é o resultativo orientado ao objeto; resultativo-A é o resultativo orientado ao sujeito transitivo. No caso dos resultativos-S e -P- temos construções intransitivas, mas, quando se trata de resultativo-A, a construção é transitiva.

A língua Yaqui também apresenta diferentes tipos de transitivas resultantes. Um primeiro tipo se relaciona com a resultante bivalente A. Este tipo de construção é marcado pelo sufixo *-la*, que sintaticamente não origina redução de valência, mas semanticamente denota o estado resultante de um agentivo, que atua sobre o paciente. Nesse sentido, o estado resultante é causado pelo próprio agente da ação do verbo base, que de um evento agentivo causativo passa para um estado resultante (cf. exemplo 23, p. 148). Além disso, a relação semântica de agente-paciente passa para uma relação de possuidor-possuído (p. 148-149).

Um outro resultante bivalente abordado se relaciona com o uso do sufixo *-ri* em combinação com o sufixo aplicativo *-ria*. Assim, segundo o autor, uma construção como (3) mostra que o agente foi apagado e o sujeito atual *Peo* ‘Peter’, promovido para essa posição, corresponde ao beneficiário da construção não resultante inicial, que ocorre marcado pelo sufixo acusativo *-ta* e pelo sufixo direcional *-u*, como se vê em (4):

- (3) *Peo-Ø* *kari-ta* *ya'a-ria-ri*
 Peter-NOM house-ACC BUILD-APL-RES
 ‘Peter has the house built (by someone else)’
 (com o significado: ‘Peter owns the house built (by someone else)’ (p. 151)

- (4) *Joan-Ø* *Peo-ta-u* *kari-ta* *ya'a-ria-k*
 John-NOM Peter-ACC-DIR house-ACC build-APL-PFV
 ‘John built the house for Peter’ (p. 151)

Na construção em (4) é mostrado a orientação do argumento R em posição sintática de objeto indireto, o que dá origem a uma construção resultante R em que o sujeito derivado em (3) corresponde ao argumento benefativo do exemplo em (4).

Outro processo discutido por Álvares Gonzáles sobre a relação entre a construção resultante S bivalente com a possessão externa são construções que ocorrem com o verbo marcado pelo sufixo resultativo *-la*, da mesma forma como ocorre nas construções resultantes A. Contudo, ao contrário desse tipo de construção, o verbo base é intransitivo e o sujeito sintático tem a propriedade de ser inanimado, não-volitivo e não agentivo. Além disso, o verbo da construção resultante S é intransitivo, mas a construção derivada é transitiva, ou seja, é uma construção bivalente. Esse fato pode ser visto em (5):

- (5) *U* *kari-Ø* *bepa'aria-ta* *wet-la*
 DET house-NOM roof-ACC fall-RES
 ‘the house has the roof fallen in’ (p. 153)

Por último, outro processo abordado que se relaciona com o desenvolvimento de valência resulta da relação entre a resultante s bivalente com os casos de possessão externa. De fato, esse tipo de processo deriva três tipos de construções resultantes S, A e R possuídas externamente. Dessas, somente a resultante S corresponde a uma construção de possessão externa, justamente aquela contendo uma base verbal intransitiva.

O artigo de Álvarez González reúne elementos importantes para entendermos o funcionamento estrutural da língua Yaqui, sobretudo os tipos de construções resultantes

que são formadas com os sufixos *-(l)a* e *-(r)i*. Também fica claro, pela análise e argumentos apresentados, que os marcadores resultantes são morfemas derivacionais. Isso fica evidente pelas mudanças que afetam o significado e as categorias lexicais da base. De fato, uma propriedade relevante em se tratando da morfologia derivacional. Ao que tudo indica, as formas das resultantes intransitivas são mais derivacionais que suas correspondentes transitivas.

James K. Watters, em "*Tlachichilco Tepehua. Semantics and function of verb valency change*" (165-192), centra sua análise nas construções de alternância de valência em Tepehua de Tlachichilco, uma língua da família linguística Tepehua Totonaco. Ele destaca as construções com dativo e causativo, acrescentadoras de valência, e as construções que se caracterizam por reduzir a valência verbal, tais como passivas-reflexivas, antipassivas, as de incorporação de partes do corpo e as decausativas.

Funcionalmente, as construções aplicativas aumentam a valência mediante o licenciamento adicional de argumentos e adjuntos. As línguas do conjunto Tepehua-Totonaco se caracterizam por permitir que a formação de construções interrogativas e relativas seja apenas com argumentos do verbo. Nesse sentido, a função dos afixos operadores de aumento de valência é fazer com que esses argumentos fiquem acessíveis nessas construções.

No que diz respeito aos argumentos nucleares, as raízes verbais do Tepehua de Tlachichilco e de outras línguas da família Tepehua-Totonaco espriam somente dois níveis de transitividade, o transitivo e o intransitivo. Ao que tudo indica, não existem raízes verbais ditransitivas nessas línguas (p. 170).

Dos quatro processos relacionados com o decréscimo de argumentos nucleares, as construções antipassivas e as passivas-reflexivas são indicadas por sufixos. A antipassiva, ou construção com objeto não especificado, marca-se com o sufixo *-nvn*, Este sufixo se junta a todo tipo de verbos transitivos, exceto às bases verbais que são intransitivas não derivadas, como em *ʔu-y* [eat:TR-IPFV] 's/he eats it' vs. *wahin* [eat.INTR[IPFV]] 's/he eats'. As construções passivas-reflexivas, ou construções de sujeito não especificado, levam o sufixo *-kan*, cuja função assemelha-se às passivas e às construções reflexivas. Watters considera apenas as construções do primeiro tipo, ou seja, construções em que o sufixo *-kan* se junta a verbos intransitivos, ora inacusativos, ora inergativos,

Outros dois processos que se relacionam como a diminuição da valência são a incorporação de partes do corpo e a decausativização. Na incorporação de partes do corpo, o nome incorporado precede a base verbal, que como complexo verbal recebe o sufixo *-kan* ~ *-ka* 'PASS'. Uma característica relevante, mencionada pelo autor, é que os verbos transitivos apresentam a vogal final da base verbal alongada, já na incorporação essa mesma base não apresenta alongamento dessa vogal.

Em se tratando do processo de decausativização, as construções são marcadas pelo prefixo incoativo *ta-*, que se aglutina a um número limitado de verbos intransitivos estativos. Esses verbos, ao receberem este prefixo, mudam seu estágio de estativo para verbos intransitivos de mudança de estado, somando, assim, uma interpretação de incoativos, como em: *lakʃahu-y* [close-IPFV] 'it's closed' vs. *ta-lakʃahu-y* [INCH-close-IPFV] 'It closes' (p. 175).

As construções que aumentam a valência verbal e que afetam os argumentos nucleares são as que se manifestam com os marcadores de dativo e causativo. O dativo é marcado

pelo sufixo aplicativo *-ni*, que além de licenciar os argumentos nucleares, também licencia adjuntos, sendo o mais comum o beneficiário. Outros argumentos periféricos licenciados para ocupar o argumento sintáticos do verbo derivado são marcados também por prefixos, a saber: i) *t'a:-* ‘comitativo’; ii) *pu:-* ‘instrumental’; iii) *li:-* ‘direcional’.

Finalmente, o autor mostra a ocorrência do prefixo *ma:-* para formar construções causativas a partir de verbos intransitivos que, ao ser causativizados, alongam a vogal final do tema verbal (p. 178). Por outro lado, ao se derivar causativos a partir de bases verbais transitivas, o sufixo aplicativo *-ni* é adicionado antes da aplicação da regra de alongamento da vogal do tema verbal. Pelos dados apresentados nos exemplos 23 e 24 (p. 179), observa-se que o prefixo *ma-* precede imediatamente a base verbal, que, por sua vez, ocorre sem alongamento da vogal final do tema, seguido pelo dativo aplicativo *-ni*, que, ao funcionar como causativo, se alonga, isto é: *-ni > -ni:* ‘DAT.CAUS’. O alongamento da vogal do sufixo aplicativo *-ni:* evidencia a transitividade do verbo derivado.

A partir da leitura do artigo de Watters, é notório que o Tepehua de Tlachichilco dispõe de um sistema morfológico rico e complexo de diversos processos de modificação de valência verbal. Ressalta-se, por exemplo, as estratégias que essa língua usa para fazer que argumentos não nucleares passem a ocupar a posição de argumentos sintáticos do verbo. O autor também focaliza o fato que o sufixo *-kan* marcador de passivo-reflexivo tenha sua função principal determinada por fatores discursivo-pragmáticos. Por esta função, esse sufixo, em conjunto com os morfemas aplicativos, possibilita que um encadeamento de tópicos seja mantido na função sintática de sujeito (cf. ex. 11, p. 173).

Em “*A panorama of valency changing operations in Seri*” (193-225), Stephen A. Marlett tem como alvo o estudo do Seri, uma língua isolada falada por um povo indígena do litoral de Sonora, no Noroeste de México. Marlett trata dos diversos processos de alternância de valência verbal na língua, considerando suas características morfológicas, sintáticas e semânticas. A análise dos dados fundamenta-se, sobretudo, em dados de textos, complementado com dados elicitados.

Em Seri, há três operações morfológicas vinculadas ao processo de remoção de um argumento nominal. As construções passivas e antipassivas operam sobre verbos transitivos (também ditransitivos), que derivam bases intransitivas ao ser removido um argumento nominal. Outro fenômeno que se aplica somente em verbos intransitivos relaciona-se, concretamente, com um sujeito não-especificado, processo que não altera visivelmente a transitividade morfológica do verbo (pp. 201-202).

Conforme destaca Marlett, há somente uma operação morfológica de passiva, mas que inclui dois tipos de construções de passivas: a passiva canônica e a passiva impessoal, ambos os casos se caracterizam pela remoção completa do Agente. Este tipo de construção, Marlett o denomina passiva curta ou, em termos Dixon e Aikhenvald (2000: 7), passiva sem agente.

Em Seri, as passivas sem a manifestação visível do agente recebem os prefixos supletivos *{p}* e *{ah}*. Tanto as construções de passivas canônicas, quanto as impessoais usam, em sua formação, as mesmas bases verbais. Na passiva pessoal, o sujeito derivado corresponde ao objeto direto do verbo ativo. A passiva impessoal assemelha-se ao verbo ativo; ainda assim, ela se caracteriza por ser: i) morfológicamente um verbo intransitivo; ii) a morfologia do objeto direto apresenta uma “junção” que o diferencia da construção com verbo ativo, o que ocorre quando os oblíquos nominais de recipiente, instrumental e

locativo se manifestam; iii) o sujeito morfológico sempre deve ser de 3ª pessoa (p. 197). Diferentemente das passivas pessoais, as passivas impessoais ocorrem quando o pivô nominal está no plural e o verbo é flexionado para o objeto indireto/oblíquo de 3ª pessoa.

Em construções antipassivas, um verbo intransitivo se deriva de seu correspondente transitivo. Essas construções são fruto do deslocamento do paciente/tema da construção inicial. Morfológicamente, as antipassivas em Seri recebem o prefixo *o-*.

Nos processos de aumento de valência, são analisadas as construções causativas e assistivas. A causativização ocorre a partir de várias classes de verbos tendo como resultado bases verbais com aumento de uma valência: verbos impessoais se modificam em verbos intransitivos; os intransitivos se convertem em transitivos; e os transitivos se transformam em ditransitivos. Morfológicamente, os verbos em construções causativas são marcados pelos prefixos *a-*, *ac*, *aco-*, *ah-*, *c-*, *e*, algumas vezes, por algumas mutações vocálicas (p. 204).

Outro processo relacionado ao aumento de valência produz construções transitivas, nesse caso, o significado é interpretado como alguém que auxilia na concretização do evento. Assim, a ação é realizada tipicamente por um participante agente. O dado seguinte exemplifica esse processo:

- (6) *Him m-acozxot*
 ?imma'koʃχot
 1S.DORLMI-help_carry
cacozxot
 'S/he helped me carry it' (p. 209)

Em (6) vemos que o objeto direto (1SG.O) é a pessoa que está sendo ajudada e o sujeito está marcado pela 3ª pessoa que funciona como o participante que auxilia na ação de levar algo (*carry it*).

Outras operações menos comuns, tanto de decréscimo, quanto de aumento de valência, são atestadas em Seri. Um exemplo disso, são as construções que têm um participante experienciador como seu sujeito sintático. Em casos de diminuição de valência se registram três verbos sensoriais que ocorrem em construções intransitivas derivadas, a característica principal desses verbos é ter o sujeito experienciador omitido. Esses três verbos são: \sqrt{pii} 'taste', \sqrt{sii} 'smell', \sqrt{ziim} 'appreciate, like' bases verbais que em suas formas derivadas se manifestam morfológicamente como: \sqrt{apii} 'gosto parecido a', \sqrt{asii} 'cheirar semelhante a', \sqrt{aziim} 'bonito/a' (p. 219).

Marlett conclui seu artigo citando outras construções que geralmente não aparecem em trabalhos sobre operação de alternância de valência, tais como construções com predicados numerais, bem como construções contendo a indicação de faixa etária e construções de tipo temporal (pp. 220-222).

O texto de Marlett é uma importante contribuição não apenas para os estudos da língua Seri, mas também para os estudos tipológicos da valência verbal nas línguas ameríndias. Como mostra o autor, o Seri apresenta características de alternância de valências canônicas, mas outras que são menos comuns, como aquelas que se relacionam com faixa etária e de unidade de tempo, e a ocorrência de sujeito experienciador. Esta

língua, da mesma forma que o Nahuatl Huasteco e Tepehua de Tlachichilco, apresenta passivas impessoais.

No artigo “*The antipassive marking in Mocoví. Forms and functions*” (227-255), escrito por Cristina Juárez e Albert Álvarez González, é abordada a tipologia das construções antipassivas em Mocoví, uma língua indígena da família Guaycurú, falada na Argentina, na região compreendida entre o Chaco e a província de Santa Fe. Neste trabalho, os autores focalizam o comportamento dos sufixos marcadores de antipassiva, *-(a)Gan* e *-(a)taGan*, os quais são tratados com base em seus traços morfossintático, semântico e pragmático. Além disso, os autores consideram também o sincretismo desses dois sufixos considerando sua função de marcadores de causatividade, de aspecto e suas ocorrências em construções que evocam um significado de agente nominal (cf. 5.2.2, pp. 248-250). A função principal desses sufixos é destacar a atividade do predicado, degradando, para isso, o participante objeto/paciente, e enfatizando o participante que realiza a função de sujeito/agente. O comportamento incomum do sincretismo antipassivo/causativo que se observa em Mocoví, segundo os autores, tem relação com as restrições de número de argumentos disponíveis para as construções causativas nessa língua.

Este texto apresenta um aporte original, pois o Mocoví é uma língua de alinhamento nominativo-acusativo quando envolve os participantes do ato de fala (SAPS) e de alinhamento tripartite quando atinge os não participantes do ato de fala (não-SAPS). Esta língua carece de marcadores de caso morfológicos para assinalar os argumentos nucleares. Contudo, ela apresenta um conjunto de três séries de indexadores (*cross-reference*) que ocorrem junto ao verbo para indicar argumentos nucleares, enquanto para argumentos oblíquos, os participantes do tipo locação e instrumento são indicados mediante o prefixo *ke-*. Deve-se lembrar que o processo de construções antipassivas tem sido relacionado às línguas de tipologia ergativa. Nesse sentido, os dados do Mocoví trazem uma contribuição importante ao estudo de construções antipassivas em línguas acusativas, mostrando que não há necessariamente uma relação biunívoca entre a marcação antipassiva e a ergatividade.

Os autores argumentam que os dois sufixos marcadores de construções antipassivas *-(a)Gan* e *-(a)taGan* elidem o argumento P, mas esse deslocamento de P pode ser feito apenas por um desses sufixos e sob condições específicas. Assim, nem todas as construções antipassivas marcadas com *-(a)Gan* estão associadas com P, pois é possível encontrar construções antipassivas com a ocorrência de P que, mesmo assim, são interpretadas como intransitivas derivadas, pois o sufixo de antipassiva *i-(a)Gan*, na construção antipassiva, assinala o argumento S, e não o argumento A (cf. ex. 14, p. 241).

Outra função do sufixo *-(a)Gan* é seu sincretismo, pois além de marcar a função antipassiva também opera nos casos de causativização, ou seja, em casos que assinalam aumento de valência. Considere-se, por exemplo, um verbo como *-eda* ‘move’, que inicialmente é um verbo intransitivo ativo, mas quando recebe o sufixo *-(a)Gan*, com a função de causativo, introduz um novo participante, o *causer*/agente, em função de sujeito sintático. Simultaneamente, os prefixos indexadores de argumentos externos do verbo também sofrem modificações, como mostram os exemplos (18a) e (18b) citados nas páginas 244-245.

Outro aspecto relacionado ao sincretismo é a ocorrência de *-(a)Gan* em construções com verbo transitivo, que os autores analisam como construção causativa indireta (Shibatani e Pardeshi 2002). Assim, ao se causativizar uma construção com verbo altamente transitivo

como *alawat* ‘kill’, primeiramente, é necessário remover a transitividade desse verbo por meio da antipassivação, para, então, operar o processo de causativização. Nesse caso, o marcador *-(a)Gan* ocorre duas vezes, o primeiro imediatamente anexado à base verbal com a função de ANTIPASSIVO, seguido por *-(a)Gan* CAUSATIVO, que retransitiviza o verbo, obtendo-se, dessa forma, uma causativa indireta. Afinal, a dupla sufixação, de acordo com os autores, numa construção causativa com o verbo *kill* ‘matar’, há um cancelamento da possibilidade de manifestar o paciente real como indicador de um terceiro argumento (p. 246). Esse processo descrito para o Mocoví é um típico exemplo de línguas que restringem a presença de argumentos nucleares numa construção causativa. Este caso reflete o número máximo de argumentos nucleares permitidos em uma construção não-causativa transitiva.

Um segundo marcador de construções antipassivas é o sufixo *-(a)taGan*, ele é menos produtivo e ocorre somente com alguns verbos. Em construções antipassivas marcadas com o sufixo *-(a)taGan*, o argumento P é sempre apagado na construção da antipassiva derivada. Esse sufixo mantém um sincretismo com o significado de agentivo nominal e com aspecto, as construções antipassivas marcadas com esse sufixo realçam a atividade eliminando da construção o argumento P/Objeto. Nesse sentido, o único argumento nuclear é concebido como o agente que realiza a sua atividade dentro de um aspecto continuativo, atético. Em outras palavras, a atividade do agente se dá de uma forma aspectual imperfeativa, dos tipos habitualmente, repetitivamente, durativamente (p. 248). Nesse sentido, construções antipassivas com o sufixo *-(a)taGan* denotam uma atividade vista como habitual e com estabilidade no tempo, assemelhando-se a um significado prototipicamente nominal (Givón 2001: 51). Para exemplificar essa característica, temos o verbo transitivo *-ataren* ‘cure’ que, em combinação com o marcador antipassivo *-(a)taGan*, como na palavra *-ataren-ataGan* [cure-ANTIP], passa a ter o significado agentivo nominal ‘doutor’ (cf. ex. 21, p. 247).

O texto de Juárez e Álvarez González representa uma valiosa contribuição para a compreensão do tópico de mudança de valência. Como eles mostram, o Mocoví, mesmo não sendo uma língua ergativa, apresenta casos de construções antipassivas, desfazendo, de certa forma, a visão canônica de que há uma relação entre a ergatividade e a antipassividade. Os autores também destacam o sincretismo no uso do sufixo *-(a)Gan*, que pode ocorrer nas operações de antipassivação e causativização, contribuindo para a discussão de morfemas polissêmicos incluídos nos artigos do volume.

Alexander Letuchiy, “*Arabic ‘labile verbs’ in form III. Lability or something else?*” (257-284), trata dos verbos lábeis da classe III na variedade do Árabe literário. O termo *labile* ou ambitransitivo, nos termos de Dixon (2010), é usado para designar verbos que podem ser usados em construções sintáticas transitivas e intransitivas, sem um marcador morfológico visível que identifique essa alternância.

Dixon (2010: 77), ao tratar desse tema, afirma que não é suficiente assumir que um determinado verbo seja lábil (ambitransitivo), mas que é preciso a especificação de seu alinhamento, se o verbo é do tipo S=A ou do tipo S=O. No primeiro caso, o argumento externo, tanto no uso transitivo quanto no intransitivo, é marcado como A, já no segundo, o verbo lábil, em seus dois usos, leva o argumento P. No seu uso transitivo, o Agente está presente, já no uso intransitivo esse mesmo verbo é monovalente, apenas o Paciente se manifesta sintaticamente, como em: “*a água está fervendo, podemos fazer um café*” (Letuchiy p. 261).

Como Letuchiy argumenta, a língua Árabe não dispõe de um sistema produtivo de verbos lábeis, com exceção dos verbos da subclasse III, que sim apresentam esse fenômeno. Nesse sentido, o comportamento dessa subclasse de verbos é relevante sob o ponto de vista tipológico, assim como para os estudos sobre a transitividade e a mudança de valência verbal.

Os verbos lábeis da subclasse III denotam estados simétricos do tipo ‘be equal’, ‘be close’, ‘be similar, que em determinados casos podem também ter usos dinâmicos (p. 258). Esses verbos, no Árabe literário, têm a mesma forma tanto no seu uso causativo, como em ‘make equal, compare’, quanto em seu uso não causativo, como em ‘be equal’ (p. 258). Esses verbos se diferenciam também do conceito tradicional de labilidade, pois não necessariamente existe uma correlação entre seu uso causativo vs. transitivo, ou de não-causativo vs. intransitivo.

Em consonância com o autor, alguns verbos lábeis do Árabe literário têm usos de não-causativo transitivo e também de intransitivo-causativo, um exemplo é o verbo *sāwā*, que como causativo significa ‘make equal’ e inclui um participante *causer*; porém é sintaticamente intransitivo, pois o argumento *causee* com o papel temático de Tema é um oblíquo introduzido pela preposição *bayna* ‘between’ (cf. exemplo 1, p. 258). Em contraste, o exemplo seguinte (cf. exemplo 2, p. 259) com o mesmo verbo *sāwā* em sua realização espontânea, não-causativa ‘be, become equal’, é transitivo. Nesse exemplo, o sujeito sintático leva o marcador morfológico *-u* ‘NOM’, enquanto o segundo argumento, o objeto direto, ocorre com o marcador *-a* ‘ACC’.

No texto, o autor focaliza os verbos lábeis anticausativos, cujos usos denotam um evento causado por um participante externo, como em *Mary broke the cup*. Já em uma construção intransitiva e cujo evento é conceituado como espontâneo, não há manifestação de um *causer* externo, tal como em *The cup broke* (p. 260).

Pela análise de Letuchiy, percebe-se que o sistema verbal do Árabe apresenta algumas propriedades semelhantes ao comportamento de verbos lábeis, destacando-se o padrão sintaticamente indefinido dos verbos da subclasse verbal III. Nessa subclasse, se encontram verbos que em seus usos causativo e não-causativo podem ser transitivos e intransitivos. O comportamento desses verbos vai de encontro com o conceito canônico de labilidade anticausativa, que pressupõe a ocorrência de causativo transitivo e intransitivo não-causativo.

Como base na variação sintática e semântica de 7 verbos da subclasse III (pp. 267-273), o autor mostra dois traços que diferenciam esses lexemas dos verbos lábeis canônicos, quais sejam: (i) o uso não-causativo desses verbos não denota ‘eventos espontâneos’ canônicos, pois eles denotam eventos de estado e não necessariamente eventos dinâmicos; e (ii) os lexemas verbais analisados não apresentam a correlação entre o parâmetro semântico de espontaneidade e o parâmetro sintático de transitividade. Ao contrário, a análise de Ketuchiy demonstra que esses verbos têm ambos os usos de transitivo não-causativo e de intransitivo causativo (p. 275). De maior produtividade, são os verbos que operam nos usos transitivo não-causativo e causativo-intransitivo. Estes últimos introduzem o argumento causado mediante a preposição *bayna* ‘between’ (p. 274).

Assumindo as conclusões do autor, os verbos árabes da subclasse III podem, sim, ser considerados como lábeis, porém a característica de labilidade semântica e sintática é diferenciada. Sob o ponto de vista semântico, todos os verbos abordados por Letuchiy

são lábeis, eles têm usos causativos e não-causativos. Sintaticamente, também são verbos lábeis, porém a variação deles não é canônica, pois o uso causativo mais frequente é o intransitivo, enquanto o uso não-causativo é principalmente intransitivo (p. 282).

Certamente, o texto de Letuchiy é uma contribuição pertinente para os estudos do comportamento de verbos considerados ambitransitivos, tópico ainda pouco explorado nos estudos sobre as línguas ameríndias.

Yury Lander e Alexander Letuchiy, “*Valency-decreasing operations in a valency-increasing language?*” (285-304), são os autores do último artigo que integra o volume “*Verb valency changes*”. Os autores versam sobre as operações da mudança de valência no Circassiano ou Adigue, uma língua de tipologia polissintética, falada por um povo originário da república da Adigueia ou Adiguésia, região norte do Cáucaso.

Este artigo envolve os processos do decréscimo da valência, processos que não necessariamente demovem os argumentos, embora eles possam operar modificando a transitividade. Esta língua também dispõe de um número variado de processos relacionados à adição de argumentos na subcategorização do marco do predicado.

O processo de incremento da valência envolve marcadores aplicativos e causativos. Na formação dos aplicativos, geralmente, verifica-se a sequência de um prefixo das séries de objeto indireto e um prefixo aplicativo que especifica o papel do novo argumento introduzido (p. 289). Também há casos em que o ‘complexo aplicativo’ pode ser formado por mais de dois morfemas, isso ocorre, sobretudo, pela presença de um prefixo aplicativo adicional, pela incorporação de um termo relacionado às partes do corpo e, algumas vezes, ainda, pela ocorrência simultânea de ambos (p. 289).

Na análise dos dados discutidos pelos autores, verifica-se que a ordem de ocorrência de múltiplos aplicativos está parcialmente condicionada pelo escopo semântico, de forma que o prefixo aplicativo posicionado à esquerda mantém escopo sobre o aplicativo localizado à direita. Surpreendentemente, a ocorrência dos aplicativos não altera a transitividade do verbo, o que faz do Circassiano uma língua diferente no que se refere a aplicativos de transitivização mais canônicos discutidos por Dixon e Aikhenvald (2000: 1-29).

Diferentemente dos aplicativos que não afetam transitividade do verbo, a formação de causativos modificam a transitividade. O morfema de maior produtividade é o prefixo *кe-*. Este marcador precede imediatamente a raiz do verbo. O *causer* é introduzido como argumento ergativo, enquanto nos causativos, derivados a partir de predicados intransitivos, o argumento causado (*causee*) funciona como argumento absolutivo. Ao contrário, nos causativos que derivam de predicados transitivos, o *causee* é especificado como objeto indireto dativo. Esse tipo de contraste é mostrado pelos autores nos exemplos (13) e (14) incluídos na página 292.

Dentre os processos vinculados à redução de valência, os autores trazem à colação a formação de anticausativos e as antipassivas. Estas construções, nas quais se incluem as formas resultativas, as facilitativas e as dificultativas, apresentam supressão de agente. No conjunto de construções anticausativas incluem-se verbos derivados mediante a supressão do participante agente, considerados conceitualmente como uma situação que se dá espontaneamente. O significado anticausativo se manifesta via estratégia da reflexivização gramatical, contudo este processo não altera o valor da transitividade, pois

o prefixo adjungido ao verbo continua denotando o argumento ergativo, embora sem a propriedade de agentivo.

As formas resultativas também suprimem o agente sem reduzir a transitividade, este tipo de construção depende da marcação de tempo passado. Ocorrem as *resultativas subjetivas* que se derivam de bases verbais intransitivas, e que descrevem as propriedades do sujeito, e as *resultativas objetivas* que se derivam de bases verbais transitivas, elas fazem referência às propriedades do objeto. Enquanto as *resultativas subjetivas* não exibem mutações na valência, nas *resultativas objetivas* perde-se o marcador indexador ergativo, que normalmente acompanha as bases transitivas.

Os autores assumem que a falta do prefixo ergativo nas construções resultativas é fruto da irrelevância do *causer*. Outros dois processos que mostram a redução de valência são aqueles que os autores denominam como facilitativos e dificultativos. Ambos os processos são marcados por sufixos, os primeiros por *-b^weš^wə* ‘it is easy to’, e os segundos por *κ^weje* ‘it is difficult to’ (p. 296). Contudo, esses dois tipos de construções, para os autores, não seriam realmente casos de redução de valência, pois a ausência de um argumento é motivada pela característica semântica da base verbal, não refletindo a alteração obrigatória de valência.

Como último tópico, os autores tratam da operação de construções antipassivas, eles mostram que há verbos na língua Circassiano que podem ter duas variantes dependendo se a raiz do verbo termina na vogal /e/ ou, ao contrário, terminam em /ə/. Algumas bases verbais que terminam em /e/ denotam moção em direção ao ponto de referência, enquanto os que terminam em /ə/ denotam moção a partir do ponto de referência. Do mesmo modo, as bases verbais terminadas na vogal /ə/ com frequência se manifestam com verbos transitivos, e aquelas que terminam na vogal /e/ ocorrem com verbos intransitivos (p. 299). Essas duas variantes não refletem necessariamente a diferença na manifestação do número de argumentos, nem a diferença na transitividade. O que está em jogo nessa variação dos verbos terminados em /e/ ou em /ə/ é o condicionamento semântico da transitividade (Hopper e Thompson 1980). Nesse sentido, os verbos terminados em /ə/ seriam semanticamente mais transitivos que os verbos terminados na vogal /e/.

O volume traz também um índice de línguas e de assuntos mais relevantes, fato que facilita a procura de um tópico específico pelos interessados.

Eis uma publicação que traz um conjunto de artigos originais, abordando tópicos que contribuem no engrandecimento de nosso conhecimento a respeito da mudança de valência verbal nas línguas do mundo. Este trabalho representa uma importante contribuição no âmbito da teoria linguística geral, bem como na tipologia linguística, trazendo à discussão dados primários de línguas originárias faladas no México, de uma língua indígena do Chaco Argentino, de línguas indoeuropeias (famílias romance e germânica), além do Árabe (Semítica) e uma língua circassiana do norte do Cáucaso. Cada artigo incluído no volume foi escrito por pesquisadores com muita experiência de trabalho de campo em cada uma das línguas abordadas, nesse sentido, observa-se as potencialidades das línguas ameríndias nos debates teóricos e nas abordagens tipológicas do que seria universal e do que seria característica específica de uma língua.

O mérito dessa publicação se assenta, igualmente, pelo fato de ter conseguido incluir alguns trabalhos de orientação gerativista, mas que dialogam perfeitamente com trabalhos de âmbito funcional-tipológico. Nessa perspectiva, são abordados a mudança de valência

considerando as construções causativas, passivas, antipassivas, aplicativos, formação de predicados complexos via processos de fusão e de cópia sintática, construções resultativas, verbos lábeis ou ambitransitivos e o comportamento de línguas de marco verbal e de marco satélite respeito da alternância de locativos. Nesse conglomerado de temas tratados, destaca-se, por exemplo, a característica específica do Mocoví, uma língua de alinhamento nominativo-acusativo, de exibir processos de antipassivas. Essa propriedade do Mocoví vai de encontro ao pressuposto canônico de que haveria uma relação biunívoca entre línguas ergativas e a antipassivação.

Enfim, esta publicação abre um caminho frutífero para futuros estudos tipológicos dos diversos mecanismos de mudança de valência presentes em outras línguas ameríndias, principalmente nas línguas amazônicas, como aquelas incluídas na obra, “*Incremento de valencia en las lenguas amazónicas*”, organizada por Queixalós; Telles; Bruno (2014).

Referências

- Aissen, Judith (2003). Differential object marking: Iconicity vs. economy. *Natural Language & Linguistic Theory* 21(3): 435-483. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/4048040>
- Borthen, Kaja (2003). *Norwegian bare singulars* (Ph.D. Dissertation). Trondheim: Norwegian University of Science and Technology. Available online at: <https://semanticsarchive.net/Archive/mMOY2M3N/thesis.pdf>
- Dixon, R. M. W. (2010). *Basic linguistic theory, vol. 1. Methodology*. Oxford: Oxford University Press.
- Dixon, R. M. W.; Aikhenvald, Alexandra Y. (2000). *Changing valency: Case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Flores Nájera, Lucero (2009). La voz antipassiva en el náhuatl de San Isidro Buensuceso, Tlaxcala. *Memorias del Congreso de idiomas indígenas de Latinoamérica IV*. Austin: University of Texas. Available online at: https://www.ailla.utexas.org/sites/default/files/documents/FloresNajera_CILLA_IV.pdf
- Gerdt, Donna B. (2010). Ditransitive constructions in Halkomelem Salish: A direct object/oblique object language. In Andrej L. Malchukov; Martin. Haspelmath; Bernard Comrie (eds.). *Studies in ditransitive constructions. A comparative handbook*, pp. 563–610. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Givón, T. (2001). *Syntax: An introduction*, vol 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Golluscio, Lucía (2010). Ditransitives in Mapudungun. In Andrej L. Malchukov; Martin. Haspelmath; Bernard Comrie (eds.). *Studies in ditransitive constructions. A comparative handbook*, pp. 711–756. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Haugen, Jason D. (2007). Hyponymous objects and late insertion. *Lingua* 119: 242-262. doi: [10.1016/j.lingua.2007.10.008](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2007.10.008)
- Hale, Kenneth L.; Keyser, Samuel Jay (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Hopper, Paul; Thompson Sandra A. (1980) Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56(2): 251-299. <https://doi.org/10.1353/lan.1980.0017>

- Mithun, Marianne (1984). The evolution of noun incorporation. *Language* 60(4): 847-894.
- Mithun, Marianne (1986). On the nature of noun incorporation. *Language* 62(1): 32-37.
- Petersen, David (2007). *Applicative constructions*. Oxford: Oxford University Press.
- Polinsky, Maria (2013). Antipassive constructions. In Matthew S. Dryer; Martin Haspelmath; Bernard Comrie (eds.). *The World Atlas of Language Structure Online*. Leipzig Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Available on line at: <https://wals.info/chapter/108> . Accessed on 2019-04-02.
- Prince, Alan; Smolensky, Paul (2004). *Optimality theory. Constraint interaction in Generative Grammar*. Malden, MA.: Blackwell Publishing.
- Queixalós, Francesc; Telles, Stella; Bruno, Ana Carlo (2014). *Incremento de valencia en las lenguas amazónicas*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo/Universidad Nacional de Colombia.
- Shibatani, Masayoshi; Pardeshi, Prashant (2002). The causative continuum. In Masayoshi Shibatani; Prashant Pardeshi (eds.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*, pp. 85-126. Amsterdam: John Benjamins.
- Talmy, Leonard (1991). Path to realization: A typology of event conflation. *Berkeley Linguistics Society (BLS)* 17: 480-519. doi: <http://dx.doi.org/10.3765/bls.v17i0.1620>
- Tuggy, David (2010). Function becomes meaning: The case of Nawatl *tlá*- In Kenneth McElhanon, A.; Ger Reesink (eds.). *A mosaic of languages and cultures: Studies celebrating the career of Karl J. Franklin*, pp. 310-326. Available online at: <https://www.sil.org/system/files/rapdata/86/89/69/86896948066060737180437607346481091517/52546.pdf>

Recebido 18/2/2019

Versão revista: 21/2/2019

Aceito: 22/02/2019